A ave Turul e os Habsburgos

A Porta dos Habsburgos renovada e a Fonte e Terraço das Crianças Pescadoras no canto nordeste do Palácio Real foram recentemente inaugurados. Para aqueles que não conhecem o nome, é a cerca ornamentada, a escadaria e a encantadora fonte em frente, acima da qual se ergue a enorme estátua do Turul, com as suas asas estendidas, que domina a imagem do castelo.

Por Rácz András

Como surgiu esta composição? Não seria mais adequado ter uma figura de um dos nossos reis, uma estátua simbólica da nossa Santa Coroa ou, mais ainda, das joias da coroa, em cima do palácio? Também se pode perguntar: o que é que a ave do paraíso, recentemente restaurada, tem a ver com o portal, que foi construído como um longo cartaz por baixo e com o nome da dinastia dos Habsburgos?



Bem, se tivesse de responder brevemente, não diria nada, mas talvez fosse ainda mais exato dizer que são mutuamente exclusivas. E é precisamente este forte contraste e oposição que dá à arquitetura do virar do século Budapeste o seu sabor especial, encanto e atmosfera.

Quando o desenvolvimento de Budapeste começou após o compromisso austro-húngaro de 1867, o modelo era obviamente as grandes cidades europeias de Paris, Berlim e claro Viena, e especialmente Viena, a capital rival do império. Certo é que havia um problema com Viena. Em contraste com as capitais europeias, a cidade imperial não tinha qualquer caráter nacional, poder-se-ia dizer por razões que foram cuidadosamente, mesmo programáticas, consideradas. Imperador e Rei Francisco José, no espírito dos seus antecessores, rejeitaram qualquer fervor nacional. A Constituição austríaca de 1867 não mencionava sequer uma nação, especialmente não uma nação austríaca, mas apenas a igualdade de direitos das "tribos" do império. Viena não era portanto uma capital alemã, e muito menos uma capital austríaca, mas uma sede imperial, uma cidade imperial. A sua representação, por exemplo as suas estátuas, foram feitas com este espírito, representando as grandes figuras do império: artistas, cientistas, generais, estadistas. O transnacionalismo da cidade também moldou a cultura vienense, tal como continua a moldar a espiritualidade austríaca.

Pareço ter divagado longe da questão dos portões e estátuas do Castelo de Buda, mas depressa se tornará claro que este desvio é necessário para ver as contradições com que os artistas e arquitetos húngaros da época tiveram de se confrontar.



Budapeste, ao contrário de Viena, era vista pelos húngaros como uma capital nacional.

No decurso dos desenvolvimentos pós-reunificação, o governo e a administração da cidade tentaram mostrar de todas as formas que a capital do Estado-nação húngaro unido estava a ser construída sobre as duas margens do Danúbio.

Num estudo de 1890, Ferenc Pulszky escreveu: “A reconciliação entre a nação e a coroa fez de Budapeste o coração do país, onde o sangue de toda a nação pulsa, onde a intelligentsia dos rebanhos do estado, onde os horizontes de todos se alargam, e onde a ciência, a literatura, a arte, em suma, o ponto focal da cultura nacional, se encontra. Budapeste está destinado a tornar-se o que Paris se tornou para a França”.



Sim, mas havia um problema muito sério com este conceito. A ideia nacional húngara foi criada principalmente num quadro anti-Hapsburg, a ideia de independência e resistência à opressão austríaca foram os elementos definidores da identidade nacional, pelo que estes deveriam ter sido enfatizados na representação. No entanto, no regime pós-reunificação, estava fora de questão que Bocskai, Rákóczi, Kossuth e os outros heróis das nossas lutas pela liberdade recebessem estátuas em Budapeste. Foi necessário encontrar soluções aceitáveis tanto para a dinastia como para o povo húngaro.

Um desses compromissos foi o Monumento do Milénio na Praça dos Heróis, que refletia com precisão a relação contraditória entre o sistema dualista, Áustria e Hungria, a nação húngara e o monarca dos Habsburgos. Os nossos governantes Habsburgos continuaram a linha dos nossos reis medievais. Poucas pessoas sabem hoje que Kossuth foi substituído por Franz Joseph, Ferenc Rákóczi II substituiu Lipót II, e Maria Theresa foi sucedida por Thököly, assim como Bocskai e Bethlen, Ferdinand

I e Charles III.



O Grupo Millennium tem outro elemento interessante neste contexto. O grupo dos líderes das tribos húngaras poderia ser incluído na composição não só porque György Zala e Albert Schickedanz criaram um monumento à conquista, mas também porque a conquista e o passado distante em geral proporcionaram um excelente cenário para o ideal nacional sem ofender ou mesmo afetar a dinastia.

Nos arredores do palácio real, podemos descobrir o mesmo que no Monumento do Milénio. Contudo, a mistura específica da contradição entre o espírito de Estado húngaro e a lealdade imperial é ainda mais pronunciada aqui, na decoração do edifício destinado a ser a sede da monarquia.

> *A reconstrução e ampliação do palácio, a criação da praça circundante e a instalação de estátuas representativas também fizeram parte do programa do milénio.*

É verdade que a liderança húngara tinha esperado estender o princípio do dualismo à sua corte após o Compromisso Austro-Húngaro, e que o rei passaria metade do ano, ou pelo menos alguns meses, no seu palácio de Buda, mas só no final do século é que Miklós Ybl, e após a sua morte Alajos Hauszmann, foram encarregados de projetar um edifício digno. A construção começou por volta de 1896 e foi concluída em 1905.

É interessante notar que as esculturas que hoje definem o palácio e os seus arredores não foram incluídas nos planos originais. Hauszmann e os responsáveis pela construção influenciaram as ideias muitas vezes imaginativas que surgiram para que os monumentos expressassem de imediato a lealdade à dinastia, a grandeza medieval da nação e a grandiosidade do seu passado histórico.

A primeira foi a estátua equestre de Jenő Savoy, na entrada principal do palácio. Foi previamente planeada a montagem da estátua equestre de Franz Joseph aqui. No entanto, o Imperador e o Rei tiveram o bom senso de renunciar a isto e em vez disso compraram um monumento ao grande comandante das guerras de libertação contra os turcos. A estátua de Sabóia está em frente ao palácio desde 1900. Atrás dele, na parte central do palácio, há muitas obras de arte com referências dinásticas. A composição escultórica no tímpano da cúpula de Hauszmann representava a apoteose ("ascensão") da dinastia dos Habsburgos. Por baixo dela encontra-se a escadaria dos Habsburgos, o átrio dos Habsburgos, que contém bustos de mármore dos monarcas que construíram o palácio: Maria Teresa, Carlos III, Franz Joseph e a Rainha Isabel. A ala mais proeminente do palácio em construção proclamou assim a glória da dinastia dos Habsburgos, tanto por dentro como por fora.

A glória dinástica foi compensada por duas estátuas. De um dos lados estava a fonte de Matthias, erguida no pátio Hunyadi. Esta foi inaugurada em 1904 (e também recentemente restaurada como parte do projeto Hauszmann). A ideia da fonte veio do seu criador, Alajos Stróbl, que insistiu na sua encomenda e

continuou a baixar as suas exigências financeiras até que finalmente conquistou a gestão da construção do palácio e, claro, do seu amigo Alajos Hauszmann.

Por outro lado, a estátua do mercado é um lembrete do grande passado da nação. De pé no extremo nordeste do palácio, no canto oriental da Porta dos Habsburgos, a estátua de cinco metros de altura, sete metros de largura e nove toneladas de mercado foi feita por Gyula Donáth em 1905. Também não foi incluída nos planos originais. Diz-se que Donáth teve a ideia da estátua no estúdio de Árpád Feszty quando viu as aves de rapina recheadas deitadas em cima do armário, que o pintor utilizou como modelo para a sua pintura circular. Depois sitiou o comité que supervisionava a construção do palácio com a sua ideia com a mesma determinação que Stróbl com a sua ideia para a Fonte de Matthias. No final, Hauszmann e os seus colegas concordaram, com a aprovação do Primeiro-Ministro e do Rei, com o mercado como o ponto focal do palácio do Imperador e do Rei Franz José em Buda.

O recém restaurado Capuchinho dos Habsburgos tornou-se assim o pedestal do antigo animal totem húngaro.



Hoje em dia, a memória dos Habsburgs desvaneceu-se consideravelmente, e quase apenas alguns nomes nos fazem lembrar a antiga dinastia. Mas, em tempos, a conceção de espaços representativos foi meticulosamente cuidadosa para não perturbar o delicado equilíbrio entre nação e família governante, império e país, passado e presente.

Fonte: kultura.hu

Fotos de Norbert Hartyányi/Kultúra.hu

AR/LMn